

O RISCO COMO ELEMENTO PARA O ESTUDO DO COMPORTAMENTO HUMANO NAS ORGANIZAÇÕES

RISK AS AN ELEMENT FOR THE STUDY OF HUMAN BEHAVIOR IN ORGANIZATIONS

André Luis Silva¹
Márcia de Freitas Duarte²

Resumo

As organizações contemporâneas se caracterizam pelos processos de transformação que fazem surgir maneiras alternativas de interpretar e agir nos espaços organizacionais. Então, o que, essencialmente, têm se buscado compreender por meio do estudo do comportamento organizacional? Este estudo, de caráter bibliográfico, argumenta que a constante tensão entre organizações e as transformações do ambiente, que, por sua vez, impactam as pessoas envolvidas na situação, está norteada pelo elemento risco. Assim, o que estudamos em comportamento organizacional é a permanência da realidade que torna o risco um valor substancial para compreender o comportamento humano quando no trato das incertezas em contextos organizacionais.

Palavras-chaves: comportamento humano; comportamento organizacional; risco.

Abstract

The contemporary organizations are characterized by the transformation processes that give rise to alternative ways to interpret and act on organizational spaces. So what, essentially, have sought to understand through the study of organizational behavior? This study of nature literature, argues that the constant tension between organizations and the changing environment, which in turn impact the people involved in the situation, is guided by the element of risk. Thus, we studied organizational behavior is the permanence of reality that makes the risk a substantial value for understanding human behavior when in dealing with uncertainties in organizational contexts.

Keywords: human behavior; organizational behavior; risk.

¹ emailpara@gmail.com, Brasil. Doutor em Administração de Empresas pela FGV-EAESP. Rua Itapeva, 474 - São Paulo/SP - Cep: 01332-000.

² marcia_online@yahoo.com.br, Brasil. Doutoranda em Administração de Empresas pela FGV-EAESP. Professora da Universidade Federal do Ceará. Av. da Universidade, 2853 - Fortaleza/CE - Cep: 60020-181.

Recebido em 24/09/2011

Aprovado em 10/11/2011

Introdução

Quando os fenômenos organizacionais aguçam o interesse de pesquisa, por vezes, este se justifica pela premissa de que ocorrem constantes processos de mudança que afligem as organizações. Nesse ciclo de transformação, enquanto das organizações é requerido um ágil desenvolvimento de formas alternativas de gestão, para as pessoas inseridas nesse contexto, emerge o desafio de se adaptarem as novas exigências do ambiente, em busca de preservarem a permanência de seus empregos.

Chama atenção o fato de que a incerteza gerada em contexto organizacional é substancial. Nesse ciclo de transformação, provocado pelas mudanças radicais que modificam continuamente o ambiente organizacional, o elemento risco ganha presença na configuração do cotidiano dos espaços organizacionais. As exigências do mundo contemporâneo emergem como fatores de risco que afligem a sobrevivência das organizações e, por conseguinte, impactam as pessoas inseridas na situação.

Para lidar com os fatores de risco, as pessoas buscam atribuir novos significados as situações geradas pelos processos de mudanças organizacionais. Isto faz com que, por vezes, as pessoas passem a manifestar novos comportamentos em suas relações constituídas nos espaços organizacionais, pois ao desenvolverem comportamentos alternativos, propicia-se o surgimento de “novas percepções, novas formas de agir, pensar e sentir o seu fazer” (ARAÚJO; SACHUK, 2007, p. 53).

Bauman (2005), como um dos autores clássicos para compreensão do comportamento humano, afirma que as transformações sociais pelas quais passa a sociedade contemporânea, acabam por impactar as pessoas, essencialmente, no âmbito dos relacionamentos humanos que permeiam os contextos sociais. Para o autor, a insegurança é o elemento comum vivenciado pelas pessoas sem suas relações sociais. Emergem a exacerbação do desapego, da provisoriedade e com isso, da individualização das pessoas, sendo esses os comportamentos que surgem para lidar com a impermanência das relações que permeiam o contexto social.

Ao delimitar-se na impermanência das relações sociais em contexto organizacional, nota-se que a tentativa de encontrar maneiras para lidar com a constante tensão entre as organizações e as transformações do ambiente, que provoca o surgimento de novos comportamentos humanos nas organizações, ocorre por meio do entendimento acerca do comportamento organizacional. Não por acaso, o comportamento organizacional, enquanto área de conhecimento, comumente, vem sendo desenvolvida por pesquisas cujo enfoque está na compreensão de temas clássicos da área, como a liderança e motivação (TONELLI, 2011; informação oral)³.

Embora as pesquisas no campo do comportamento organizacional enfoquem sua centralidade no estudo das dimensões tradicionais de personalidade do ser humano, tal como a motivação, ao que parece, o estudo da relação entre as pessoas e o contexto organizacional, não está propriamente no entendimento das dimensões dos indivíduos, pois há uma ênfase na “consideração da interação entre os indivíduos e seus contextos” (NORD; FOX, 1997). Essa ênfase decorre do interesse de pesquisa em compreender o contexto da situação em que ocorrem os processos decisórios para lidar com as abruptas mudanças vivenciadas nos espaços organizacionais.

Considerando que o contexto da situação vivenciada em espaços organizacionais na contemporaneidade, se caracteriza pela insegurança gerada por fatores de risco que afligem a sobrevivência das organizações e, por conseguinte, impactam as pessoas fazendo-as manifestarem novos comportamentos em suas relações nas organizações, de modo que esse fenômeno faz emergir o interesse de pesquisa acerca do comportamento organizacional, esta situação estimula o pensamento e o debate sobre: o que, essencialmente, têm se buscado compreender por meio do comportamento organizacional?

Por meio de um estudo de caráter bibliográfico, busca-se responder a este questionamento, pois percebe-se que possivelmente o risco, enquanto o elemento que permeia as relações entre indivíduos e contextos organizacionais, é fator que inicia todo o processo que resulta no interesse de pesquisa sobre o comportamento organizacional.

3 TONELLI, M. J. (2011) *Propostas tradicionais para o estudo do comportamento dos indivíduos nas organizações*. Aula ministrada no Curso de Comportamento Organizacional, promovido pela FGV-EAESP – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, março.

Mas reconhecer o risco como elemento central nesse processo, também propicia questionar: de que risco falamos? Assim, para que o termo risco não seja utilizado como um recurso textual abrangente que aceita múltiplas considerações dependendo da intenção e situação ao qual é empregado, neste trabalho, vale-se da tentativa de buscar uma conceituação teórica que ofereça ao termo risco, uma coerência e delimitação para ser caracterizado em contextos organizacionais, sobretudo, na dimensão do comportamento organizacional. Também emerge o questionamento quanto ao como a concepção de modernidade que permeia os tempos atuais, ao ser interseccionada a noção de risco, contribuem para o entendimento do fenômeno para compreensão do comportamento humano nas organizações? Essas são algumas das questões discutidas ao longo deste trabalho.

Procedimentos metodológicos

Conforme indicado na teorização metodológica proposta por Martins e Theóphilo (2007), este artigo desenvolveu-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, uma vez que o caráter teórico do estudo determinou uma abordagem metodológica que favorecesse a compreensão acerca de um fenômeno social. Não por acaso, em face do aspecto ressaltado por Whetten (2003), este estudo caracteriza-se como ensaio teórico, por ter como objetivo a descrição e inter-relação das características de fenômenos distintos, que neste estudo, refere-se a intermediação entre um fenômeno – a concepção de modernidade – a outro fenômeno – a noção contemporânea de risco – os quais foram assumidos como dimensões que contribuem para o entendimento do comportamento humano nas organizações.

Em relação às estratégias de estudo utilizadas, este artigo classifica-se como bibliográfico (Astley, 1985), uma vez que pretende compreender um fenômeno e, por conseguinte, sistematizar contribuições ao tema abordado. Para tanto, foi realizado um consistente levantamento bibliográfico de temas que suportam a

problemática apresentada neste artigo, ou seja, a concepção de modernidade e a noção contemporânea de risco. A partir da intermediação desta fundamentação teórica, surgiram aspectos importantes para se compreender o comportamento humano nas organizações, ou seja, um fenômeno social.

Delineados os procedimentos metodológicos adotados para realização deste estudo, bem como seu aporte teórico, a seguir faz-se possível proceder a fundamentação teórica deste trabalho.

Risco: algumas noções

O termo risco foi utilizado inicialmente por marinheiros e investidores marítimos a partir do século XVII. O termo era associado à probabilidade de um evento negativo ocorrer durante o transporte de cargas e mercadorias por vias marítimas. Os eventos negativos incluíam exemplos tais como: doença, morte dos tripulantes das navegações e o impacto gerado pelo custo das perdas associadas às cargas e mercadorias que eram transportadas (MIZRUCHI, 2009).

Mais tarde, no contexto do conhecimento científico, o conceito de risco foi utilizado na área das ciências da saúde em estudos que buscavam identificar parâmetros para compreender os fatores que influenciavam determinadas populações a manifestação de determinadas doenças. Ou seja, na área da saúde, o conceito de risco teve suas origens na epidemiologia, pois o foco era estudar os padrões pelos quais uma doença se manifestava em determinadas populações e, por conseguinte, os fatores que influenciavam estes padrões (MASTEN; GARMEZY, 1985).

Na área da saúde o conceito de risco também foi utilizado em estudos psicossociais e socioculturais. Tais estudos tinham como objetivo elucidar o processo de desenvolvimento das pessoas em relação a fatores de riscos, dentre eles: fatores de pobreza; analfabetismo; miséria e estruturas familiares fragilizadas por conflitos, físicos e psicológicos, de cunho agressivo.

Em estudos como o de Raffaelli et al. (2007), buscou-se compreender a relação entre o ajustamento psicossocial de jovens brasileiros de baixa renda aos fatores de risco. Para tanto, os autores delimitaram-se a investigar o ajustamento psicossocial dos jovens a três tipos de fatores de risco: o comunitário – local onde residem; o econômico – aspectos relacionados à renda financeira; e o familiar – o estado civil e nível educacional dos pais desses jovens. Os autores concluíram que os efeitos negativos da exposição dos jovens brasileiros de baixa renda a fatores de riscos, estão associados ao decréscimo de sua capacidade “psicológica, comportamental, e de ajustamento social” (RAFFAELLI et al., 2007, p. 565).

Os estudos a respeito da exposição das pessoas ao risco partem da premissa que os fatores de risco “relacionam-se com toda sorte de eventos negativos da vida, e que, quando presentes, aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais” (YUNES; SZYMANSKI, 2001, p. 24).

Mais recentemente, o conceito de risco tem sido estudado no contexto das mudanças sociais. Para Beck (2007), o risco trata-se dos eventos negativos da vida que as pessoas acabam por vivenciar ao se defrontarem com as mudanças sociais configuradas pela sociedade moderna. Para o autor, a sociedade moderna se tornou uma sociedade de risco para as pessoas, à medida que ela se ocupa, cada vez mais, em debater, prevenir e administrar o risco que ela mesma produz.

A expressão “sociedade de risco” se difundiu em debates sobre as mudanças sociais da atualidade. Essa expressão representa a necessidade de compreender e aceitar que a incerteza e a imprevisibilidade “são cada vez mais inerentes às nossas vidas individuais e coletivas [...] exigindo uma maior reflexividade na construção das biografias de cada indivíduo e dos nossos destinos coletivos” (ALVES, 2009, p. 107).

Beck (2007) entende que as decisões das pessoas perante o risco é uma relação ambígua, pois em um processo decisório perante o risco, a pessoa pondera entre as possíveis oportunidades e perdas que decorreram de sua tomada de decisão. Assim, as decisões perante o risco correspondem a um conhecimento que envolve o trato com incertezas.

A incerteza, insegurança e medo, são elementos do risco presentes na sociedade moderna, que derivam da impossibilidade da pessoa controlar o futuro. Sendo assim, o risco propicia uma condição de desequilíbrio emocional para a pessoa, pois o risco torna-se para ela um “acontecimento futuro, um momento esperado ou temido no qual [...] uma dada situação que bifurca o percurso da história de forma imprevisível” (BRÜSEKE, 2001, p. 36).

O estudo do risco no contexto da sociedade moderna instiga a realização de pesquisas que aprofundem a compreensão sobre o conceito em suas distintas dimensões, dentre as quais, a dimensão organizacional, já que os fatores de riscos da sociedade moderna impactam não só o meio organizacional, mas, sobretudo, as pessoas que em tais contextos estão inseridas.

De acordo com Job (2003, p. 35) “os fatores de risco se originam de múltiplos eventos ‘estressantes’ ou ainda, de um evento traumático ou de tensões acumuladas a partir de uma variedade de fatores pessoais e do ambiente”. No meio organizacional o risco refere-se aos fatores que fragilizam a organização e, por conseguinte, as condições de trabalho que ela proporciona para as pessoas que estão inseridas em seu contexto.

As condições de trabalho oriundas dos fatores que fragilizam a organização incluem exemplos tais como: “a pressão e responsabilidade do trabalho, a incapacidade de aceitar as próprias falhas, a falta de tempo para a família, a falta de apoio dos pares e/ou superiores, a falta de reconhecimento e a frustração” (JOB, 2003, p. 168).

Ademais, no contexto do trabalho nas organizações, o risco refere-se a todos os fatores que tornam as pessoas expostas a situações adversas e que, por conseguinte, as expõem à vivência de uma condição de desequilíbrio emocional que influencia suas vidas pessoais e profissionais.

Para Couto (2007) os fatores de risco são de natureza pessoal, social ou ambiental. Independente de sua natureza, os fatores de risco incrementam a probabilidade das pessoas virem a padecer de perturbações psicológicas associadas a eventos de vida negativos. Tais fatores “potencializam resultados disfuncionais de ordem física, social

e/ou emocional e predisõem os indivíduos a resultados indesejáveis também em termos desenvolvimentais” (COUTO, 2007, p. 20).

Entretanto, quando as pessoas se defrontam com fatores de risco que geram situações adversas a serem vivenciadas por elas, por vezes, as pessoas buscam alternativas, isto é, desenvolvem e utilizam fatores de proteção, para conseguirem lidar com os fatores de risco que lhe causam uma condição de desequilíbrio emocional.

Não há um critério absoluto que indique a existência de um fator de risco para uma pessoa e, por conseguinte, um fator de proteção para combatê-lo. Em face das distintas circunstâncias vivenciadas pela pessoa, uma mesma situação proveniente de um fator de risco, pode ser compreendida por ela tanto como um fator risco ou um fator de proteção (LUTHAR; ZIGLER, 1991).

A relação dual que existe entre o que vem a ser um fator de risco ou um fator de proteção para a pessoa, advém dos significados que ela atribui aos eventos estressantes que vivencia. Segundo Milani (2006) as reações das pessoas são distintas frente a um fator de risco, já que os eventos estressantes da vida demandam das pessoas respostas de enfrentamento, com maior ou menor impacto, levando-se em conta as condições de desequilíbrio emocional experimentadas por elas ao se defrontarem com o fator de risco.

Os fatores de risco, como eventos potencialmente estressores para as pessoas, exercem diferentes impactos sobre elas, pois mesmo que essas pessoas partilhem da experiência sobre uma mesma situação adversa, elas por atribuírem diferentes significados à situação, são impactadas de maneiras distintas pelo fator de risco (RUTTER, 1993).

Os impactos do risco sobre as pessoas, também variam em função dos distintos momentos de suas vidas, pois o risco é pensado como um processo. Isto é, as pessoas ao se defrontarem com um fator de risco, agem e se comportam de maneiras diferentes, em face dos distintos momentos de suas vidas. Em decorrência do momento/situação que as pessoas vivenciam ao se defrontarem com um fator de risco, por vezes, elas passam a compreender a vida de outra maneira e, portanto, o “risco deve ser sempre pensado como um processo” (YUNES; SZYMANSKI, 2001, p. 24).

Na concepção de Jeolás (2010), há diversas maneiras de uma pessoa vivenciar e expressar o risco, ou seja, existem diversas formas do risco se proliferar na vida da pessoa. Algumas formas de sua proliferação são mais coletivas e outras individuais; algumas mais calculadas, planejadas e procuradas, tal como os esportes radicais; outras mais dependentes de vulnerabilidades sociais e individuais, dentre elas o risco das drogas e da gravidez na adolescência; algumas formas são negadas e não desejadas, como a violência urbana; e outras formas de proliferação do risco são aceitas e até mesmo valorizadas tal como as competições esportivas. A “noção de risco é utilizada com diferentes sentidos que podem ser negativos ou positivos, dependendo das situações vividas” (JEOLÁS, 2010, p. 13).

Embora a noção de risco seja utilizada com diferentes sentidos, que podem ser negativos ou positivos, dependendo das situações vividas pela pessoa, essa noção de risco se trata da compreensão da pessoa quanto à “possibilidade de perda de algo que tem valor” (MENEGON; SPINK, 2006, p. 167).

Segundo Rutter (1985) as pessoas frente a um fator de risco, podem apresentar respostas semelhantes de reação à situação adversa. Entretanto, existem variações nas respostas das pessoas ao risco, pois um mesmo fator de risco pode ser vivenciado de maneiras similares ou diferentes de pessoa para pessoa, o que torna por sua vez, a forma de lidar com o risco, também distinta entre elas.

Modernidade: contexto e indivíduo

Como o intuito de melhor compreender o contexto no qual as organizações e os indivíduos estão inseridos, e como as ações, comportamentos e identidade destes são alterados diante dos fenômenos sociais que caracterizam o momento atual, apresentamos, nesta seção, a perspectiva de dois autores que conceberam conceitos e ideias para descrever as recentes transformações sociais e seus impactos na vida das pessoas: Anthony Giddens e Zygmunt Bauman.

Modernidade tardia

Giddens (2003) analisa a transformação da concepção de identidade a partir do rompimento com uma ordem dita tradicional. Referido autor não nomeia a sociedade contemporânea como pós-moderna ou pós-industrial; prefere referir-se a ela como modernidade alta ou tardia, para indicar que certos princípios da modernidade ainda se fazem presentes atualmente. A modernidade tardia é definida como uma ordem pós-tradicional, ainda longe de romper com características da modernidade propriamente dita e que, ao mesmo tempo, acentua alguns destes parâmetros fundamentais.

Na sociedade tradicional, Giddens (2003) explica que a identidade social dos indivíduos está limitada pela própria tradição, pelo parentesco, pela localidade. Na modernidade tardia, por outro lado, tudo que se passa no espaço global influencia a intimidade e o cotidiano das pessoas. Além disso, seu caráter pós-tradicional rompe práticas e preceitos preestabelecidos, ressaltando o cultivo das potencialidades individuais.

Este contexto traz consigo a presença intensa da reflexividade, na qual o “eu” torna-se um projeto reflexivo, pois, não havendo referências em relação às tradições, abre-se para a pessoa um mundo de diversidade, de possibilidades em aberto, de escolhas. Ela passa a ser responsável por si mesma e o planejamento de sua vida assume especial relevância. No entanto, de forma contraditória, ao mesmo tempo em que a quebra da ordem tradicional poderia proporcionar certa autonomia pessoal ou uma autonomia parcial, ela remove a sensação de firmeza e segurança, podendo constituir-se em grande fonte de ansiedade para o indivíduo.

Assim, o organizar invade não só a vida profissional como também pessoal do indivíduo. As decisões, a organização de sua vida cabem a ele. Ocorre que, neste contexto instável e complexo, há uma variedade de correntes científicas e

argumentos contraditórios, fazendo com que as pessoas vejam-se em face da escolha de quem acreditar ou que caminho seguir. As correntes, teorias e discursos são variados e caberia o indivíduo a escolha daquela que teria a possibilidade de desenvolver o seu projeto reflexivo individual.

Este projeto reflexivo, o qual traz consigo um eterno questionamento, diz respeito a um mundo caracterizado pela grande quantidade de informação e não de modos pré-estabelecidos de conduta, nos quais as pessoas veem-se obrigadas a viver realizando escolhas contínuas, as quais passam a compor a narrativa de sua identidade, sempre aberta a revisões. Embora essa modernidade seja suscetível à crise, ela favorece, ao mesmo tempo, a apropriação de novas possibilidades de ação ao indivíduo, oferecendo oportunidades de revisão de atos e costumes tidos como tradicionais. Até mesmo as respostas para nossos questionamentos podem ser alteradas, na medida em que obtemos mais informações ou ocorrem novas descobertas. Essa reflexividade presente na modernidade alta é considerada por Giddens (2003) como uma das maiores influências sobre o dinamismo das instituições modernas, permitindo a compreensão de como a modernidade, enquanto fenômeno global, passa a alterar e interferir diretamente na vida social e pessoal cotidiana.

Essa dinamicidade constante e as condições de insegurança que caracterizam a modernidade alta resultam na instabilidade do projeto de auto-identidade, levando o indivíduo a perceber ou sentir uma descontinuidade em relação a si e ao tempo, na impossibilidade de manter confiança em si mesmo, obrigando-a se misturar com o ambiente para se proteger dos riscos e perigos impostos por um ambiente mutante.

As sensações de ansiedade e inquietude podem instalar-se nas experiências cotidianas das pessoas, visto que a narrativa da auto-identidade se torna inerentemente frágil diante das intensas e extensas mudanças provocadas pela modernização.

Modernidade líquida

Bauman (2005a) utiliza a metáfora da liquidez ou liquefação para explicar o sentido da modernidade, descrevendo as transformações sociais pelas quais passa a sociedade em todas as suas esferas: vida pública, privada, relacionamentos humanos, mundo do trabalho, estado e instituições sociais.

Conforme o autor, na sociedade contemporânea, a solidez das instituições sociais (família, relações de trabalho, estado do bem-estar e outros) cedeu espaço, de forma cada vez mais acelerada, para o fenômeno da liquefação, ou seja, os sólidos, antes firmes e indestrutíveis, derreteram-se irreversivelmente, formando um estado sem forma, líquido, pois: “os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento” (BAUMAN, 2005a, p. 8).

Se antes as ideologias foram elaboradas com a pretensão de serem abrangentes, exaustivas e duradouras, na cultura da pós-modernidade, tudo passa a fluir de maneira mais rápida, de modo que o certo de ontem hoje não mais o é. Vive-se assim num tempo de transformações sociais aceleradas, caracterizado pela dissolução dos laços afetivos e sociais. Essa liquefação do que antes era considerado sólido e oferecia segurança existencial explicita uma sociedade na qual vigoram o desapego e a provisoriedade. Conforme Bauman (2005b, p. 8), “a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante”. Neste contexto, emerge uma suposta sensação de liberdade que evidencia, por outro lado, o desamparo social em que se encontram os indivíduos líquidos.

Conforme Bauman (2005a, p. 37), duas características marcantes diferem a modernidade líquida do modelo cultural anterior: o desmoronamento da antiga ilusão moderna e a transição da socialização para a individualização.

Inicialmente, Bauman (2005a) explica que, na modernidade líquida, não há mais crença de que há um fim do caminho que percorremos, um Estado de perfeição

a ser atingido amanhã ou no próximo ano ou milênio, algum tipo de sociedade boa, da ordem perfeita em que tudo é colocado no lugar certo ou do completo domínio sobre o futuro. Na verdade, o autor explica que a sociedade líquida não é resultado do nada, ela foi fruto do desmoronamento da modernidade, ou seja, do processo de derretimento dos sólidos formados e elaborados na modernidade. Dentre esses sólidos liquefeitos, Bauman (2005a) coloca a filosofia da história e a possibilidade de calcular o futuro a partir dos dados presentes. O autor cita alguns eventos do século passado para ilustrar o desmoronamento das ideologias modernas, tais como o holocausto e o fracasso do modelo econômico liberal proposto no Ocidente.

Quanto à segunda característica, o autor defende que, na modernidade líquida, ocorre um crescente processo de individualização do sujeito, de modo que dissolveram-se também os valores sociais, os quais cederam lugar aos individuais. O desprendimento das redes de pertencimento social, dentre elas a família, caminha em paralelo com o processo de individualização como característica central da construção das novas subjetividades. Assim, passa a valer e prevalecer aquilo que interessa apenas ao indivíduo; o “eu” sobrepõe-se ao “nós”. Não se concebe a possibilidade de “desperdiçar” tempo para que valores sociais sejam alcançados e realizados. O relacionamento entre as pessoas mercantiliza-se, diante dos frágeis laços que têm possibilidade de se dissolverem frente a qualquer desagrado de ambas as partes. O indivíduo, em consequência, sente-se leve e descompromissado, sensações associadas à liberdade individual. Essa característica da modernidade líquida afeta não somente a cultura, mas a vida cotidiana do homem.

Na sociedade moderna, transformada pelo mercado, os valores mais importantes da vida também passaram pelo mesmo processo de materialização. Um exemplo é o amor que, nessa cultura consumista, é também tratado como uma mercadoria. Dissolveram-se também os sentimentos, de modo que, se tudo muda rapidamente e se as ideologias fracassaram, não faz sentido investir energia e tempo em algo que não mais é duradouro. Assim, Bauman (2003, p. 23) refere-se ao amor como “uma hipoteca baseada num futuro incerto e inescrutável”. Nesta frase está

implícita a análise realizada pelo autor em relação ao amor e outros sentimentos: investir em algo inseguro é desgastante e, sobretudo inútil. Por isso, num contexto de insegurança como o atual, também a vida afetiva é condicionada, afetada. “Comprometer-se com um relacionamento, “irrelevante ao longo prazo”, é uma faca a dois gumes. Faz com que manter ou confiscar o investimento seja uma questão de cálculo e decisão” (BAUMAN, 2003, p. 30).

Essa liquidez em todas as esferas da vida remete à ideia de uma suposta liberdade que, embora possa fascinar, também seu outro lado, manifestado com o crescente número de patologias próprias da modernidade líquida. Na esfera individual, alguns exemplos são: depressão, solidão, desamparo e isolamento. No social, temos todas as formas de exclusão como sintomas de uma perversa sensação de liberdade e desterritorialização.

Bauman (2005c) nos apresenta também a nova identidade dos sujeitos líquidos. Conforme o autor, “nesse nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo, é um negócio arriscado. As identidades são para usar e exibir, para armazenar e manter” (BAUMAN, 2005c, p. 96). Ou seja, tudo o que se baseia em valores considerados eternos e fundamentados pelos costumes e pela cultura de uma sociedade em particular é visto como negativo na modernidade líquida, pois as estruturas sólidas, que antes forneceram o pano de fundo cultural, institucional e psicológico para a formação da identidade pessoal estão derretendo e não são mais capazes de oferecer referenciais às pessoas.

O autor justifica suas ideias argumentando que, no mundo líquido, a questão central é a sobrevivência:

Se você não for mais duro e menos escrupuloso do que todos os outros, será liquidado por eles, com ou sem remorso. Estamos de volta à triste verdade do mundo darwiniano: é o mais apto que invariavelmente sobrevive. Ou melhor, a sobrevivência é a derradeira prova de aptidão (BAUMAN, 2003, p. 110).

Neste cenário, se a questão da sobrevivência é preponderante, então não se permite o luxo de se ficar a vida inteira fixo ou adepto de um mesmo conjunto de valores. Da mesma forma, manter-se fiel à lógica da continuidade ou apegar-se às regras como um norte para formar uma identidade forte não é aconselhável, pelo menos neste contexto de liquidez.

Como resultado, o mundo líquido exige dos indivíduos uma contínua mudança de hábitos e os oferece um amplo espectro de propostas infinitas. Não é aconselhável, portanto, fixar-se a uma só identidade neste contexto de fluidez. O anseio da identidade vem do desejo de segurança. Este pode ser saudável num mundo estável, mas não é uma perspectiva atraente numa realidade cada vez mais dinâmica.

Considerações finais

Conhecendo as distintas áreas de conhecimento pelo qual o conceito de risco é discutido, bem como a partir das considerações de clássicos autores para compreensão do comportamento humano, compreende-se que um recorte possível para o termo risco, quando em contexto organizacional, é: o risco é um acontecimento futuro, esperado ou temido, compartilhado como um valor comum para o desenvolvimento do comportamento humano no contexto organizacional contemporâneo, em face do processo reflexivo individual das pessoas frente às transformações do ambiente.

Há de se observar que emergem indícios que aguçam a discussão sobre o comportamento organizacional, posto que o risco enquanto unidade de debate para o entendimento do contexto das mudanças sociais, evidencia que o comportamento humano manifesto, especificamente, nas organizações, emerge como uma maneira do indivíduo lidar com as incertezas geradas pelas transformações do ambiente, ou seja, os fatores de risco que afligem as organizações e, por conseguinte, geram impactos à suas vidas.

Assim retoma-se a questão o que estudamos em comportamento organizacional? A partir da fundamentação apresentada, ao que parece, o interesse de pesquisa na área de

conhecimento do comportamento organizacional tem se movimento, essencialmente, para compreender a manifestação do comportamento humano quando no trato das incertezas, isto é, dos fatores de risco, que emergem nos espaços organizacionais em face das contínuas transformações do ambiente.

Mesmo quando se enfoca estudar temas clássicos da área como liderança e motivação, o que implicitamente está se buscando proporcionar é um direcionamento para lidar com a imprevisibilidade das situações vivenciadas nas organizacionais, sobretudo, provenientes dos comportamentos alternativos que as pessoas desenvolvem em busca de lidar com os impactos gerados pelos fatores de risco das organizações, em suas vidas.

Ao que parece, o estudo do comportamento humano se faz possível pela dimensão risco, quando delimitada uma coerência para o contexto no qual o comportamento é manifestado. Isto permite considerar que o estudo do comportamento humano é aguçado a partir dos fatores de risco gerados nas organizações que passam a permear as relações desenvolvidas nesse contexto.

Considerar o elemento risco com uma dimensão para compreender o comportamento organizacional, auxilia também na possibilidade de responder questões como: O que é comportamento organizacional? Quais as razões que justificam seu estudo? Qual o impacto do comportamento individual e grupal na construção das organizações? Qual o impacto das organizações sobre o comportamento das pessoas?

Isto pelo fato da delimitação proposta para termo risco neste trabalho, ou seja, o risco é um acontecimento futuro, esperado ou temido, compartilhado como um valor comum para o desenvolvimento do comportamento humano no contexto organizacional contemporâneo, em face do processo reflexivo individual das pessoas frente às transformações do ambiente, proporciona mais um recorte para a definição do que é comportamento organizacional, bem como aponta motivos que justificam a busca pela compreensão dos impactos vivenciados, pelas pessoas e organizacionais, em tempos atuais.

Considerando o acima exposto, o que estudamos em comportamento organizacional é a impermanência da realidade que torna o risco substancial em contexto organizacional, pois as pessoas passam a ser impactadas pelos fatores de risco, o que gera um constante processo de busca pela adaptação a situação. Isto faz com que o interesse de pesquisa sobre o comportamento organizacional esteja norteado pelo estudo do comportamento humano quando no trato das incertezas geradas pelos fatores de risco que afligem as organizações e, por conseguinte, impactam as pessoas nelas inseridas.

Referências

ALVES, M. G. Ensino Superior, Trabalho e Emprego na Actual Sociedade de Risco: Um olhar sobre o caso de mestres e doutores. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 59, 107-124, 2009.

ARAÚJO, R. R. de; SACHUK, M. I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. *Revista de Gestão USP*, São Paulo, 14 (1), 53-66, 2007.

ASTLEY, W. G. Administrative science as socially constructed truth. *Administrative Science Quarterly*, v. 30, p. 497-513, 1985.

BAUMAN, Z. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005c.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005a.

BAUMAN, Z. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005b.

BECK, U. *Risk Society: Towards a New Modernity*, Londres: Sage Publications, 2007.

BRIDGES, W. *Mudanças nas relações de trabalho*. São Paulo: Makron Books, 1995.

BRÜSEKE, F. J. *A Técnica e os Riscos da Modernidade*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

CALDAS, M. P.; TONELLI, M. J. *Chameleon men and managerial fads: a social and psychoanalytical approach to the 'fashionable mind'*. In *Organizational Settings*, Comunicação apresentada na Standing Conference of Organizational Symbolism. 1998.

COUTO, M. C. P. de P. *Fatores de Risco e Proteção na Promoção de Resiliência no Envelhecimento*. 2007. 144 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

JEOLÁS, L. S. O dialogo interdisciplinar na abordagem do risco: limites e possibilidades. *Saúde e Sociedade*, 19 (1), 9-21, 2010.

JOB, F. P. P. *Os sentidos do trabalho e a importância da resiliência nas organizações*. 2003. Tese (Doutorado em Administração) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP – FGV). São Paulo, SP, 2003.

KOLB, D. A. *Experiential learning*. Englewood Cliffs, NJ.: Prentice Hall, 1984.

LUTHAR, S. S.; ZIGLER, E. Vulnerability and competence: A review of research on resilience in childhood. *American Orthopsychiatric Association*, vol. 61, n. 1, p. 6-22, 1991.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas. São Paulo: Atlas, 2007.

MASTEN, A. S.; GARMEZY, N. Risk, vulnerability and protective factors in developmental psychopathology. In LAHEY, B. B., & KAZDIN, A. E. (Eds.). *Advances in clinical child psychology*, 8, 1-52, New York: Plenum Press, 1985.

MENEGON, V. S. M.; SPINK, M. J. Novas tecnologias reprodutivas conceptivas: problematizado a comunicação sobre riscos. In: FERREIRA, V.; ÁVILA, M. B.; PORTELLA, A. P. (Org.). *Feminismo e novas tecnologias reprodutivas*. Recife: SOS Corpo, p. 163-188, 2006.

MILANI, R. G. *Violência Doméstica: recursos e adversidades de crianças e famílias pós ações do Conselho Tutelar*. 2006. 190 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

MIZRUCHI, S. Risk Theory and the Contemporary American Novel. *American Literary History*, 22 (1), 109-135, 2009.

NORD, W. R.; FOX, S. O indivíduo nos estudos organizacionais: o grande ato de desaparecimento? In CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. *Handbook de estudos organizacionais*, vol. 3, São Paulo, Editora Atlas, 1997. Organização da Edição Brasileira: CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISHER, T. RAFFAELLI, M.; KOLLER, S. H.; CERQUEIRA-SANTOS, E.; MORAIS, N. A. de. Developmental risks and psychosocial

adjustment among low-income Brazilian youth. *Development and Psychopathology*, vol. 19, p. 565-584, 2007.

RUTTER, M. Resilience in the face of adversity: Protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatry*, London, v. 147, p. 598-611, 1985.

RUTTER, M. Resilience: Some Conceptual Considerations. *Journal of Adolescent Health*, 14, 626-631, 1993.

TONELLI, M. J. Propostas tradicionais para o estudo do comportamento dos indivíduos nas organizações. Aula ministrada no *Curso de Comportamento Organizacional*, promovido pela FGV-EAESP – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, São Paulo, março, 2011.

WHETTEN, D. A. O que constitui uma contribuição teórica? *RAE – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 69-73, jul/set. 2003.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: Noção, Conceitos Afins e Considerações Críticas. In: Tavares, J. (Org.). *Resiliência e Educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

